

CONSTRUÇÃO DE IMAGINÁRIO CONTRACOLONIAL NO PAÍS DAS DESIGUALDADES

Pensar o mundo do trabalho pelo olhar da filosofia do “Bem Viver”¹²

Lêda Gonçalves de Freitas³ 

Editora Geral da Trabalho EnCena

Pedagoga. Doutora em Psicologia organizacional e do trabalho. Professora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Psicologia da Universidade Católica de Brasília. Coordenadora do Laboratório de Trabalho, Sofrimento e Ação (LATRASA) Universidade Católica de Brasília, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia⁴ Brasília, DF, Brasil.

Lilium Deisy Ghizoni⁵ 

Editora Geral da Trabalho EnCena

Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade Palmas, TO, Brasil.

O Brasil nasce em meio a uma sociabilidade colonial e escravocrata cujas marcas se perpetuam até o presente, vis a vis, a descarada desigualdade contemporânea de renda, raça e gênero. A violência colonial assassinou inúmeros Povos Originários, explorou recursos minerais e instituiu a escravidão de Povos Africanos por mais de três séculos. A herança colonial e escravocrata contemporânea revela um país que, segundo o relatório de concentração de renda e riquezas, elaborado pela *Global Wealth Report 2023*, apresentou a maior concentração de renda no mundo em 2022.

De acordo com o referido relatório, 48,4% da riqueza do Brasil está nas mãos de apenas 1% da população (UBS, 2023). Frente a essa tragédia, 58,7% da população brasileira encontra-se em algum grau de insegurança alimentar, leve, moderado ou grave, conforme a Rede PENSSAN (2022). O quadro da insegurança alimentar no país agravou-se na pandemia com a

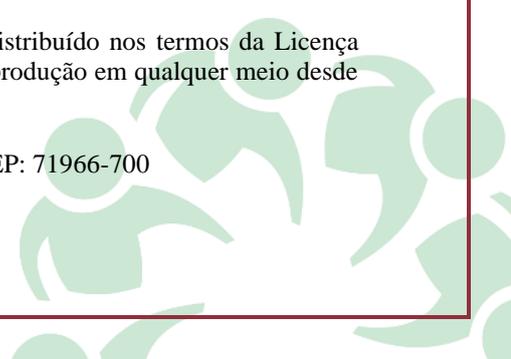
¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Lilium Deisy Ghizoni.

² Copyright © 2023 Freitas & Ghizoni. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons. Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ ledagfr@gmail.com

⁴ Campus Taguatinga – QS 7 – Lote 01 – EPCT – Taguatinga, Brasília/DF – CEP: 71966-700

⁵ ldghizoni@gmail.com



falta de políticas públicas num contexto de governo ultraneoliberal e negacionista no período de 2019-2022, como mostra a Rede PENSSAN. São 125,2 milhões de brasileiros com insegurança alimentar, sendo 33 milhões vivendo em situação de fome. Observa-se no estudo da Rede que a desigualdade de acesso aos alimentos é maior nos domicílios rurais, sendo que as regiões Norte, com 25,7%, e a Nordeste, com 21,0%, abrigam os maiores percentuais de famílias vivendo em situação de insegurança alimentar grave. Verifica-se a combinação de desigualdade de renda, raça e gênero, ao destacar que a fome atinge mais as famílias com mulheres responsáveis, de cor preta ou parda. Conforme o inquérito da Rede PENSSAN, as desigualdades concernentes à raça, cor e gênero, exacerbaram quanto ao desempenho do Estado nas áreas de saúde, educação, ciência e tecnologia e proteção ao meio ambiente para povos e comunidades tradicionais, em especial os Povos Indígenas. Segundo o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), no mês de junho de 2023, o governo federal retirou 18,5 milhões de famílias da linha de pobreza, a partir da retomada do programa Bolsa Família⁶.

Ainda sobre a insegurança alimentar, com o recorte de raça, nota-se que, em cada 10 moradias com pessoas que se apresentavam como pessoas pretas ou pardas, havia 6 habitações com algum nível de insegurança alimentar. No entanto, para as moradias com responsáveis de pele branca, mais de 50% tinham a segurança alimentar garantida, conforme a Rede PENSSAN (2022).

O recorte de gênero, segundo o relatório, mostra que as moradias em que os homens são responsáveis, a segurança alimentar alcançava 47,9% das mesmas. Contudo, naquelas moradias em que as mulheres são as referências, a segurança alimentar atinge a 37%, o que indica que mais de 6 em cada 10 moradas (63%) com chefes do sexo feminino enfrentavam algum grau de insegurança alimentar (PENSSAN, 2022).

Os dados sobre a força de trabalho no Brasil, em conformidade com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2023), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua referente ao trimestre julho, agosto e setembro de 2023, indicam uma estimativa de 108,2 milhões de pessoas, compreendendo as ocupadas e as desocupadas. São 8,3 milhões de pessoas desocupadas, ou seja, 7,8%, sendo o menor contingente desde 2015. A taxa de informalidade que considera trabalhadores sem carteira assinada em empresas e no serviço doméstico, bem como as pessoas que atuam por conta própria, mas sem CNPJ, alcançou um índice de 39,1%. A análise do IBGE revela um recuo no

⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/bolsa-familia-retira-18-5-milhoes-de-familias-da-linha-da-pobreza>)

desemprego e um aumento na taxa de trabalho formalizado. No entanto, frente a uma força de trabalho de 108,2 milhões de pessoas, a informalidade chega a mais de 36 milhões de brasileiros, o que significa menos direitos trabalhistas.

Ao articular informações de segurança alimentar e desemprego, o relatório da Rede PENSSAN (2022) mostra que a segurança alimentar teve maior presença nas residências em que os responsáveis tinham emprego formal, alcançando 53,8%. Por outro lado, a insegurança alimentar se apresentou maior nas moradias cuja pessoa referência estava em situação de desemprego (36,1%). Assim, observa-se que em residências com responsáveis desempregados, mais de um terço das famílias enfrentava a fome.

Pensar as desigualdades no Brasil articulando a interdependência das relações entre classe, raça e gênero, como destacado nos parágrafos anteriores, nos conduz a exibir ainda mais a gravidade das desigualdades sociais no país. Gentile e Braga (2023), no robusto artigo “Americanas e a mão pesada contra ‘pequenos furtos’”, revelam uma dimensão da desigualdade ainda pouco vista por pesquisadores do mundo do trabalho. Para os autores, um morador de rua, 32 anos, entrou numa loja da rede Lojas Americanas, furtou 12 chocolates, foi pego pela Guarda Municipal e confessou que vendeu os chocolates por 30 reais para comprar comida. O morador de rua foi preso, e a Defensoria Pública assumiu sua defesa, solicitando que o cidadão fosse absolvido, visto que o furto realizado era insignificante. No entanto, a juíza responsável pelo processo condenou o morador de rua a um ano, quatro meses e dez dias de prisão em regime fechado.

De outro lado, a fraude contábil de 45 bilhões de reais nas Lojas Americanas S.A. realizada por grandes empresários, entre eles Jorge Lemann, até o momento, não conduziu ninguém à punição. Para os poderosos do capitalismo rentista a lei é condescendente. Por isso, pesquisar o mundo do trabalho no país das desigualdades requer uma compreensão esquadrihada dessa realidade para a produção de pensamentos, sentimentos e ações numa visão contracolonial.

À vista disso, há que se compreender as nossas origens históricas e o nosso nascimento desigual, colonial e escravocrata. Portanto, descolonizar o pensamento para superar o olhar reducionista eurocêntrico que transpõe um mundo para o continente americano, o qual provocou o epistemicídio das intensas, ricas e potentes culturas indígenas e africanas, por aqui. A invasão colonial e todas as suas consequências esconde, ainda hoje, a herança escravista e a construção de um capitalismo servil, racista e sexista (Mignolo, 2005; Souza, 2017).

Em nosso editorial da Revista Trabalho EnCena de 2022, “Nós vencemos”, já apontávamos a perspectiva contracolonial da filosofia do “Bem Viver” e o chamamento para

“imaginar outros mundos”. Isso posto, como é possível pensar o mundo do trabalho pelo olhar da filosofia do “Bem Viver no país das desigualdades”?

Inicialmente, cabe uma crítica consistente ao capitalismo rentista e neoliberal. Acosta (2016) nos ensina que só é possível entender o “Bem Viver” em contraposição ao “viver melhor” da cultura ocidental, a qual expropria sem limites os recursos naturais até esgotar a vida do Planeta. A concepção do “Bem Viver”, por outro lado, contradiz toda a iniquidade do capitalismo, uma vez que poucos têm uma vida “boa”, e a grande maioria está em situação de pobreza. Para o “Bem Viver”, a ideia de desenvolvimento do capitalismo precisa ser superada. Esta lógica impõe o progresso, o qual produz devastação social e ambiental. Portanto, o capitalismo edifica o “mau desenvolvimento”, sendo um sistema baseado na eficiência ao maximizar resultados, reduzir custos e aprofundar o acúmulo de capital nas mãos de 1% da população mundial, assevera Acosta.

Com base em uma compreensão crítica do capitalismo, sabendo que sua essência é a desigualdade e a devastação ambiental, Acosta sustenta que não é possível esperarmos a superação total do capitalismo para, só depois, fazer com que o “Bem Viver” se torne uma realidade. O autor nos convoca a pulsar valores, práticas e alternativas dentro do próprio capitalismo. No mesmo caminho, Krenak (2020, p. 36) nos convoca a imaginar o mundo, ao invés de consumi-lo, tendo em vista que o “sentido da vida é a potência da vida”. O líder indígena entende que o sonho nos leva a “adiar o fim do mundo”, pois é uma forma de espalhar afetos. O sonho mobiliza o mundo sensível, e ao contá-lo, produz conexões de sentidos de viver. O contar dos sonhos e a criação são possíveis em meio à vida partilhada nos contextos comunitários. Essa ação, por si, caminha na contracorrente do capitalismo que nos devasta social e ambientalmente.

Com fundamento na cosmovisão do “Bem Viver”, e sabendo que no mês de novembro de 2023 (quando escrevemos este Editorial), o planeta Terra vive o maior aquecimento da sua história, portanto, estamos a derreter, em plena lógica antropocena, ou seja, a era humana, a qual impulsiona a degradação ambiental e, provavelmente, está nos conduzindo a uma catástrofe ecológica; provocamos os autores e autoras da revista Trabalha (En)Cena, que cumprem o objetivo da nossa revista de impulsionar estudos e práticas que visem a saúde mental no trabalho, a prosseguirmos em nossa jornada. Porém, diante das circunstâncias contemporâneas de devastação ambiental e devastação social, promovidas pelo capitalismo, nos nossos estudos sobre o mundo do trabalho, chamamos para ampliar o nosso olhar para um pensamento e uma prática contracolonial, a fim de, por meio da ideia de “imaginar mundo”, possamos “adiar o fim do mundo”.

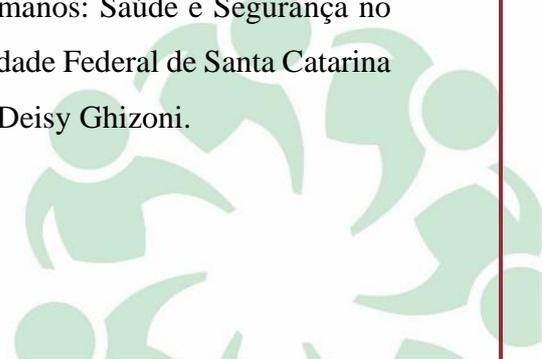
Quando é evidente a inutilidade de seguir correndo atrás do “fantasma do desenvolvimento”, emerge com força a busca de alternativas ao desenvolvimento, ou seja, de formas de organizar a vida fora do desenvolvimento, superando o desenvolvimento, e, em especial, rechaçando-o. Neste contexto de críticas e construções alternativas, os povos indígenas ganharam protagonismo. Suas ideias incluem questionamentos práticos e conceituais ao desenvolvimento. Mesmo tendo sido invisibilizados, marginalizados ou abertamente combatidos, seus valores, experiências e práticas atravessaram toda a Conquista, a Colônia e a República. E continuam presentes, com força renovada (Acosta, 2016).

O “Bem Viver” propõe uma cosmovisão diferente da ocidental, posto que surge de raízes comunitárias não capitalistas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo enquanto civilização dominante, e com os diversos socialismos reais que existiram até agora – que deverão ser repensados a partir de posturas sociobiocêntricas, e que não serão atualizados simplesmente mudando seus sobrenomes. Não esqueçamos que socialistas e capitalistas de todos os tipos se enfrentaram e ainda se enfrentam no quadrilátero do desenvolvimento e do progresso.

Como diz Santos (2023), colonizar é apagar memórias; faz-se um adestramento para que não haja imaginários e, portanto, as pessoas não conseguem pensar, se autogestar, para realizar o reflorestar do pensamento e da ação. Deste modo, ainda com Santos, vamos germinar em nossos estudos a confluência, palavra que, segundo o autor, é uma energia que nos movimenta para o compartilhar e o respeitar. Nas palavras de Santos (2023, p. 4-5), “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia [...]”. Assim, trazer os saberes dos povos que sofreram e sofrem o apagamento colonial, articulados com os clássicos que estudamos nas universidades, faz com que confluam saberes para aumentar a nossa capacidade de pesquisa e intervir na realidade do trabalho para potencializar outros modos de vida e de trabalho.

Neste movimento entregamos no ano de 2023 o volume 8 da Revista Trabalho Encena, que vem recheado de artigos de pesquisa e de revisão, entrevista, resenhas de filmes e relatos de experiência. Este volume traz também o Dossiê Fatores Humanos: Saúde e Segurança no Trabalho articulado pelo Laboratório Fator Humano da Universidade Federal de Santa Catarina com a coordenação dos editores Roberto Moraes Cruz e Liliam Deisy Ghizoni.

Desejamos uma excelente degustação a todos!



REFERÊNCIAS

- Acosta A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2023). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. *Indicadores para população de 14 anos de idade ou mais*.
https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Mensal/Quadro_Sintetico/2023/pnadc_202309_quadroSintetico.pdf
- Gentile, R., & Braga, T. (2023). Americanas e a mão pesada contra “pequenos furtos”. *Outras Palavras*. <https://outraspalavras.net/outrasmidias/caso-americanas-e-a-mao-pesada-contrapequenos-furtos/>
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mignolo, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In E. Lander (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 71-103). Colección Sur Sur, Clacso.
- Rede PENSSAN (2022). *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo. <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>
- Santos, A. B. (2023). *A terra dá, a terra quer*. UBU Editora.
- Souza, J. (2017). *A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato*. Editora Leya.
- UBS. *Global Wealth Report 2023*. (2023). Credit Suisse AG. <https://www.credit-suisse.com/about-us/en.html>

